

SKATE E MULHERES NO BRASIL: VISIBILIDADES CONSTRUÍDAS

Márcia Luiza Machado Figueira¹
Silvana Vilodre Goellner²

Palavras-chave: mulher, esporte, gênero

Eixo temático: Gênero e sexualidade nas práticas corporais e esportivas

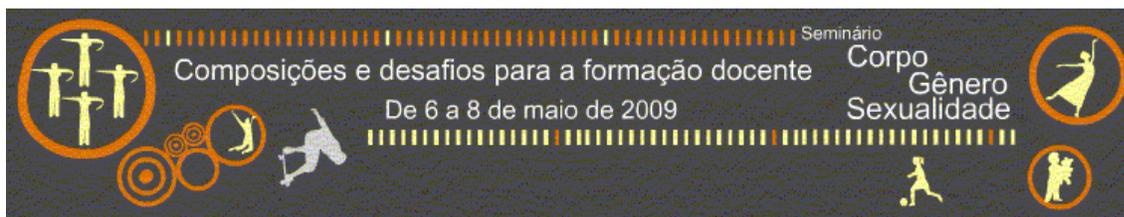
Introdução

Considerando que o *skate*, em distintos contextos, é representado, como uma prática culturalmente associada ao universo masculino mais que ao feminino, essa pesquisa analisa a pouca visibilidade conferida, no Brasil, as mulheres que participam deste esporte, principalmente nas narrativas que mencionam a sua historicidade. Para tanto, busca fundamentação em vertentes dos estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas para discutir como as produções discursivas que circulam em torno do *skate* brasileiro produzem aquilo que nomeiam ou que deixam de mencionar. Em outras palavras: a escassez de referências acerca da existência de mulheres praticantes de *skate* não implica afirmar sua ausência neste esporte. As fontes aqui revisitadas indicam que desde seus primórdios elas vêm protagonizando diferentes formas de vivenciá-lo em que pese o silêncio narrativo sobre essa presença.

Por partilharmos da percepção de que a História não representa o passado, mas traduz-se em uma discursividade sobre o passado, analisamos fontes primárias e secundárias cujo conteúdo narra aspectos referentes ao *skate* no Brasil seja naquilo que evidenciavam, seja nos silenciamentos que produziam. Para tanto foram pesquisados livros, artigos acadêmicos, revistas esportivas especializadas, *sites*, *zines*, *blogs*, reportagens jornalísticas, documentos oficiais, entre outros. No entrecruzamento dessas fontes foi possível perceber dissonâncias na narrativa historiográfica sobre o *skate*, principalmente, no que respeita a inserção e permanência das mulheres nesta prática as quais, não raras vezes, sequer são mencionadas.

¹ Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) marfig@terra.com.br

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) goellner@terra.com.br

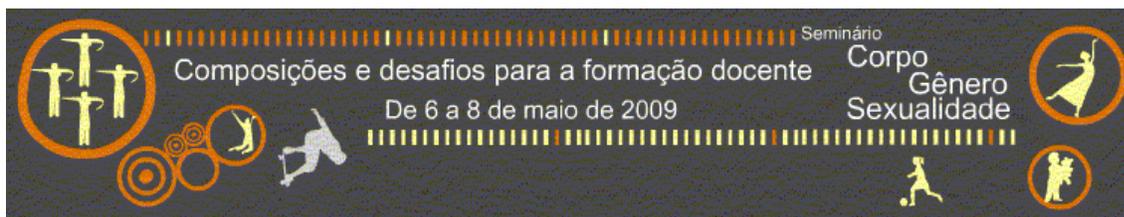


Fragmentos históricos de uma prática esportiva urbana

Vários são os autores e autoras que identificam a origem do *skate* como uma variação e também como uma alternativa à prática do *surf* em espaços nos quais não havia a possibilidade de “pegar onda”. Essa identificação é assim assumida, porque seu início está vinculado aos surfistas californianos do início da década de 60 do século XX, que, ao adaptarem rodas em uma prancha com dimensões menores, criaram o objeto *skate*. No Brasil, é na mesma década que se tem registro dos primeiros praticantes de *skate*, também surfistas que o conheceram na Califórnia quando lá estiveram. (BITENCOURT et all, 2005; UVINHA, 2001). Sua rápida disseminação fez emergir, a partir dos anos 70, os primeiros circuitos e campeonatos bem como a ampliação do número de *skateparks* - locais específicos com pistas para a sua prática. Esse movimento caracterizou o princípio do processo de esportivização do *skate* brasileiro.

Segundo as fontes consultadas, a primeira pista da América Latina foi inaugurada em 1976 na cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, local onde foi realizado, em julho de 1977, o primeiro campeonato brasileiro de *skate*. A partir de então, novos *skateparks* começam a alterar a arquitetura das cidades. No Rio Grande do Sul foi construída, em 1978, a pista *Swell* na cidade de Viamão e, em 1979, a Pista do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre. (GRAEFF e PETERSEN-WAGNER, 2005, p. 62). No entanto, foi no final dos anos 80 e início dos anos 90 que o esporte expandiu-se através da construção de *skateparks* por todo o país, aumentando significativamente o número de praticantes e de competições.

Mais do que fazer uma história dessa modalidade esportiva interessa sublinhar que o *skate*, traduz-se em uma prática urbana que captura tanto homem quanto mulheres. No Brasil, sua difusão promoveu a eclosão de uma indústria especializada na criação de uma série de produtos e serviços direcionados para a sua realização e divulgação tais como publicações específicas, marcas de roupas e calçados, *sites*, programas televisivos, entre outros.



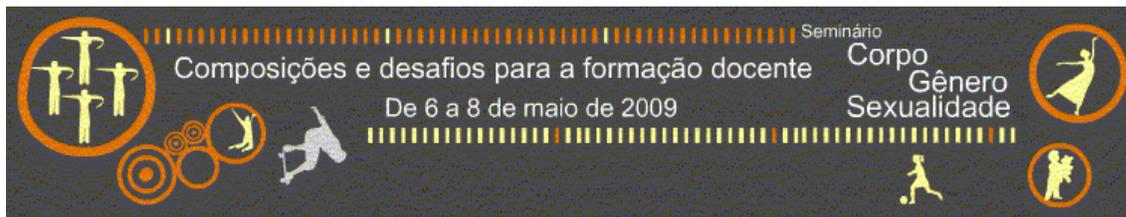
A

apesar da consolidada presença do *skate* nas cidades brasileiras interessa perceber que muitas das narrativas que reportam a sua existência nem sempre nomeiam alguns grupos sociais e sujeitos que dele participam. Ao relacionar essa afirmação com questões de gênero, apontamos para as inúmeras distinções existentes, no Brasil, entre a visibilidade conferida à mulheres e homens que participam do universo cultural do *skate*. A naturalização da adesão e permanência de sujeitos do sexo masculino nesta prática é de tal modo naturalizada que não precisa ser dito, nomeado ou chamado a ver. Razão pela qual, as suas narrativas, grosso modo, referem-se a eles – os *skatistas*, atletas, espectadores, comentaristas, dirigentes editores como os sujeitos deste esporte.

Para desconstruir aquilo que no *skate* brasileiro é tomado como “natural” investimos na busca de fontes cujas narrativas permitissem localizar a presença das mulheres no entorno desta prática. Nesse sentido, constituiu-se como fonte privilegiada o *site Skate para Meninas*, fundamentalmente, pela variedade de informações põe em circulação. A partir desse *site* foi possível identificar uma série de fontes que narravam, de forma fragmentária, acontecimentos relacionados ao *skate* praticado por mulheres brasileiras. Destacaram-se, então, outros *sites*, *blogs*, reportagens isoladas em revistas esportivas ou de comportamento, publicações criadas por mulheres *skatistas*, documentação referente a organização de campeonatos, circuitos, *tours*, oficinas, entre outras. A eleição e análise dessas fontes de origem bastante distinta foram realizadas tendo como eixo norteador aspectos relacionados a presença das mulheres no *skate*, não no sentido de desenvolver uma pesquisa historiográfica mas, sobretudo, de colocar em suspeição aquelas narrativas que ao se dizerem históricas raramente registram as mulheres, suas conquistas, frustrações e vivências neste esporte.

Mulheres *skatistas*: estratégias para se fazer ver

Motivadas pelas indagações sobre a ausência de referências ao *skate* feminino em vários veículos que tematizam esse esporte, seguimos o rastro de alguns desses estudos, para trazer do esquecimento histórias invisíveis. Tal intenção aflorou da leitura de uma publicação produzida com o objetivo de narrar a história do *skate* brasileiro entre os anos



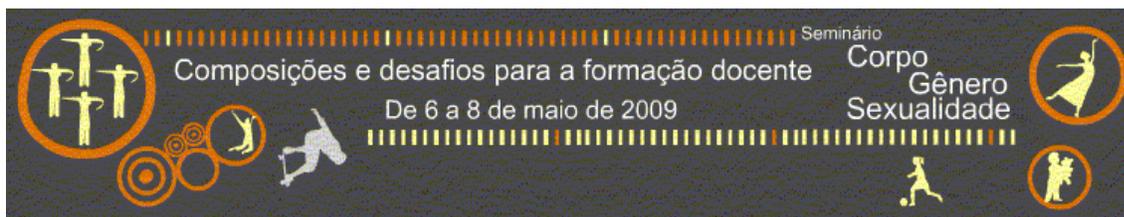
de 1970 a 2000. Intitulado *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, editado por Eduardo Britto, o livro apresenta 105 páginas e nela há apenas uma ínfima referência às mulheres na qual o editor informa que, no ano de 1995, foi realizado na ZN *Skatepark*, em São Paulo, o 1º campeonato feminino da década, vencido por Giuliana Ricomini (2001, p. 62).

A invisibilidade apresenta-se, ainda, naquilo que a publicação mostra como imagens significativas desse esporte. Nele aparecem mais de setenta fotos com atletas fazendo manobras radicais: nenhuma delas é de uma *skatista*. Nas suas páginas vemos apenas duas imagens de mulheres e estas são bastante emblemáticas para movimentar análises a partir da dos estudos de gêneros. Na primeira delas, aparece a vencedora do primeiro campeonato dos anos 90. No entanto, a atleta não é fotografada em ação como são os homens: Giuliana Ricomini está de costas, segurando o *skate* e revelando para as lentes do fotógrafo a imensa tatuagem que colore quase toda esta parte de seu corpo, que está descoberta. A leitura que fazemos dessa construção textual, em nenhum momento é atribuída a alguém que acabou de vencer um campeonato de *skate*. O que se vê é um belo corpo tatuado.

A outra fotografia exibe uma modelo desfilando em um evento de moda realizado em São Paulo, em 1995, no qual representa a loja *Mad Corner*. A imagem exibida é de uma mulher cruzando a passarela com a parte de cima do corpo sem roupa tendo seus seios cobertos apenas por um *skate*.

Se pensarmos que a cultura relaciona-se com a produção e troca de significados entre membros de uma sociedade, como nos fala Stuart Hall (1997), podemos pensar, ainda, que as imagens são determinantes na produção dos significados atribuídos aos corpos e as subjetividades nas sociedades contemporâneas. Afinal, os programas de TV, a publicidade, o cinema, as fotografias de jornais, as pinturas, etc., traduzem o mundo em termos visuais. Tradução essa que nunca é inocente pois essas imagens interpretam o mundo, apresentam-no de formas bem particulares (ROSE, 2001).

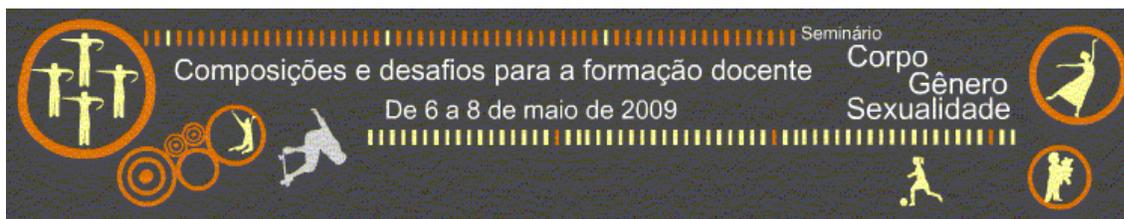
As mulheres que são exibidas no livro *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, são figuras ilustrativas no cenário de uma história protagonizada por homens. Nesse contexto, não importa mostrá-las deslizando nas pistas ou arriscando manobras em gestos certos. A maneira como estão ali colocadas falam de um outro lugar, e este



certamente não é o de ação sobre o *skate*. As únicas duas imagens pulicadas legitimam representações normatizadas de feminilidade circunscrevendo as mulheres universo da beleza, delicadeza e graciosidade. O que se vê são duas mulheres belas, expondo seus corpos e não seus atributos esportivos – o que, em tese, deveria ser o motivo primeiro para se fazerem presentes um livro que tem como mote contar alguns fragmentos da história do *skate* nacional.

Na contramão dessa narrativa, recorreremos a outros registros, muitos deles produzidos por *skatistas* mulheres. Estes vestígios marginais, porém reveladores, possibilitaram a reconstrução de pequenos fragmentos nos quais as *skatistas* figuram como protagonistas. Por esse motivo, tornou-se fonte privilegiada um exemplar do *zine* *Check It Out Girls*”, publicado em 1999 por *skatistas* paulistas com objetivo divulgar o *skate* feminino no Brasil e no mundo. Nas páginas que o integram é possível identificar muitas alusões às mulheres, diferentemente do que Eduardo Brito publicou no seu livro. A reportagem “Evolução”, assinada por Lisa Araújo fornece indícios de que, desde os anos 80, as mulheres já praticavam o *skate* participando, inclusive, de campeonatos.

Em 1970 já existia skate feminino nos EUA, então lá é muito natural o respeito e o alto nível das skate girls. No Brasil, em 1980, o skate feminino era representado por Leni Cobra, Mirinha, Mônica Polistchuck e outras, correndo campeonatos com os garotos. Infelizmente, as garotas da antiga não estão mais na ativa, pois se estivessem, estariam detonando como as gringas. Elas devem ter desanimado pela falta de apoio e incentivo da época e mudaram suas vidas. No entanto, só em 95 que a categoria voltou com tudo, representada pelas rankiadas de hoje, que não se deixaram abater. Correm campeonatos, viajam pras roubadas e treinam pra evoluir. Também estão surgindo novas revelações garotas que começam a andar mandando flips e descendo corrimãos. Esse é um dos méritos do skate feminino em sua evolução pois o espaço aberto dá oportunidade para as garotas se atirarem mais (ARAÚJO, 1999, p. 1).



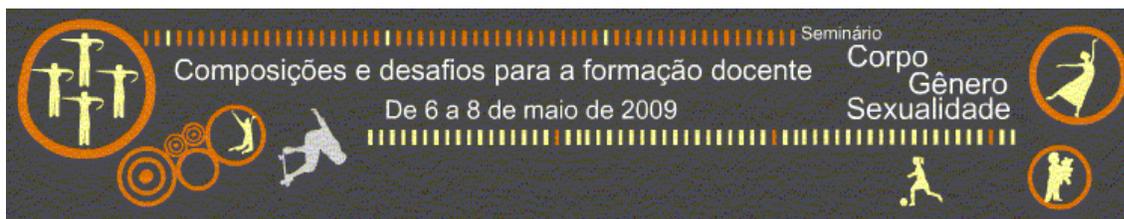
A narrativa aqui é outra: menciona campeonatos, atletas, manobras, ousadias, evolução. As imagens publicadas também são outras: as mulheres estão em ação no *skate*, realizando diferentes manobras. Aqui são as suas performances que protagonizam a cena.

Outro vestígio que menciona a presença das mulheres no *skate* brasileiro foi o *ranking* organizado pela Associação Brasileira de *Skate* Feminino relativo ao ano de 1997. Nele aparece a classificação de 33 atletas cuja procedência remonta a diferentes cidades: São Paulo, Ribeirão Preto, Goiânia, Niterói, Rio de Janeiro, São Bernardo do Campo, Curitiba, Brasília, Bauru, Taguatinga. No *ranking* de 1998 figuram novas cidades: Nova Iguaçu, Irajá e Campo Grande, ou seja, o *skate* feminino acontecia em diferentes espaços urbanos brasileiros.

Para além desses registros, na edição comemorativa aos dez anos de existência da Revista *100%Skate*, publicada em julho de 2006, há uma matéria assinada pela *skatista* e webmaster do site *Skate para Meninas*, Evelyn Leine. Denominada “Três gerações do *skate* feminino”, a autora entrevista as *skatistas* Giuliana Ricomini, Marta Linaldi e Letícia Bufoni e Silva que descrevem sua trajetória no esporte bem como suas percepções acerca do *skate* feminino no Brasil.

Ao dialogar estas diferentes fontes de investigação, é possível apontar caminhos distintos que ora mais, ora menos possibilitaram a aparição das *skatistas* brasileiras. Os exemplos trazidos ao texto sinalizam o quanto os discursos produzem os sujeitos que nomeiam ou, ainda, que tornam invisíveis. Com isso estamos a afirmar que a pouca visibilidade que as *skatistas* brasileiras têm resulta, não da sua ausência neste esporte mas, fundamentalmente, da construção de uma rede discursiva que as posiciona nas margens seja no passado, seja no presente.

Representativa dessa diferenciação de posição de sujeito ocupada atletas homens e mulheres desta modalidade esportiva foi a distinção que a mídia brasileira, inclusive especializada em *skate*, fez acerca da participação de *skatistas* no circuito internacional no ano de 2005. Ao relatar as conquistas que o *skate* brasileiro teve na Europa, o editor da revista *100%Skate* assina uma coluna denominada “Dando Idéias” na qual registra: “Sandro Dias Mineirinho foi o campeão do circuito europeu no vertical, Daniel



Vieira alcançou o mesmo no street. De quebra, este foi ainda o primeiro brasileiro a vencer na Alemanha na sua modalidade. Não é pouca coisa” (MURARO, 2005, p. 114).

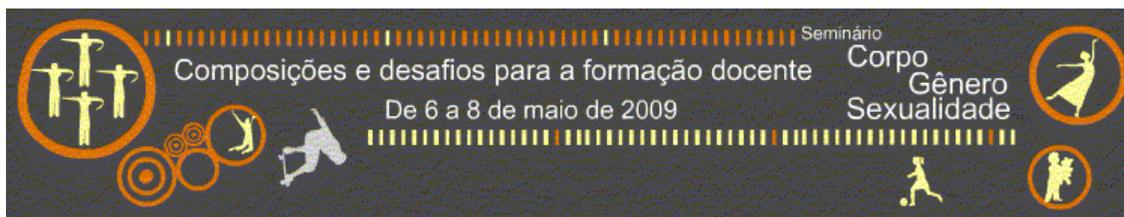
Nesse mesmo circuito também participou e obteve a conquista do título de Campeã Mundial do Vertical Feminino, a atleta Karen Jones, única atleta brasileira a conseguir essa vitória. No entanto seu nome sequer é mencionado. As conquistas relatadas pelo editor são do *skate* masculino – o referente.

Karen Jones tão logo venceu o campeonato enviou um *e-mail* ao site *Skate para Meninas* que foi publicado na íntegra com o título “Campeã Mundial”. Comemora a atleta:

Só mando notícias agora porque tem net aqui no campeonato, é a primeira vez que sento com calma na frente do computador. Falando especificamente do Vert Feminino rolou competição. Eu vim para correr com os caras [...] então foi muito melhor do que eu esperava. Andei de boa, acertei tudo, isso me deixou mais feliz! No final da session eu achava que tinha ganho (humilde né) haha mas não contava na certeza porque sabe como são as coisas nesses campeonatos, as vezes algum nome pesa mais que o skate [...] Foi a maior festa. Eu ganhei no feminino, o Mineirinho no masculino e o Daniel Vieira no street [...] só faltou o street feminino pra gente levar tudo. (JONES, 2005, p. 1).

Nestes excertos podemos evidenciar dois enunciados que falam de um mesmo circuito e das conquistas de um grupo específico – “*skatistas* do Brasil”. No entanto, um deles negligencia a vitória da atleta brasileira que compete na categoria vertical feminino mesmo que tenha, junto com o grupo citado, conquistado um título bastante significativo para o *skate* nacional. Aqui podemos pensar, tal qual evidenciou Michel Foucault (2005), que os enunciados posicionam os sujeitos de modo particular nos discursos. Cauê Muraro, ao ignorar a participação e a conquista de Karen Jones no circuito europeu de 2005, está posicionando apenas uma representação hegemônica de atleta do *skate* - a do sexo masculino.

FURG, 06 a 08 de maio de 2009.



Tenha ou não a atleta conseguido um feito na história do *skate* brasileiro - o título de “Campeã Mundial” - a “naturalização” de que as conquistas mais importantes são dos atletas homens é aqui reafirmada na relação de poder que o editor tem “de dizer quem deve” estar presente no que foi por ele produzido para ser divulgado. Silenciar a respeito do esforço e do trabalho que a atleta imprimiu sobre si para chegar nessa posição, faz parte desta rede discursiva que reforça a permanência da norma invisibilizando, de certo modo, o *skate* feminino no Brasil.

Essa afirmação não implica posicionar *skatistas* no lugar de vítimas. Outrossim, recorreremos às condições de possibilidade que, neste tempo e espaço circunstancial as posicionam diferentemente dos homens. Ao apontar, aqui, alguns fragmentos de seu protagonismo e as disputas que travam em busca de reconhecimento e significação, destacamos que o esporte, assim como qualquer outra prática social, é um campo generificado de disputa. Ou seja, revela-se como um espaço cujo acontecer está constantemente atravessado por relações de poder. Poder que se expressa através de diferentes formas: nas desigualdades de acesso e permanência no esporte, na quantidade de campeonatos realizados, no maior ou menor espaço disponibilizado pelos diferentes artefatos midiáticos, nas premiações distintas, enfim, em uma série de situações nas quais se evidenciam distinções para homens e mulheres no entorno do *skate* seja ele praticado como exercício de lazer e sociabilidade, seja ele voltado para a profissionalização

Referências

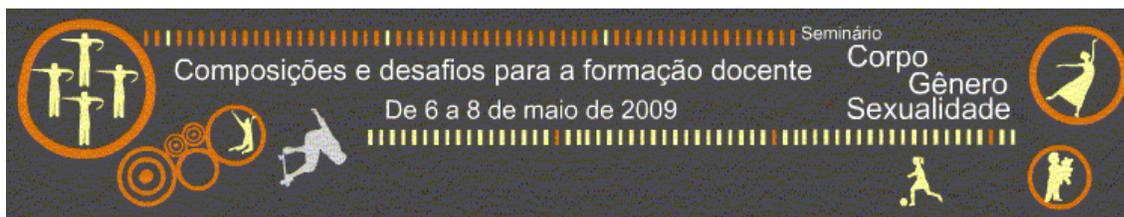
ARAÚJO, Liza. Evolução. *Check it out girls*. Los Angeles, v. 6. p.1-3, dez, 1999.

BITENCOURT, Valéria et all. Esportes radicais e de aventura. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 409-421.

BRITTO, Eduardo. *A Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000.

GRAEFF, Billy B. e PETERSEN-WAGNER, Renan. Skate no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Z. e REPPOLD FILHO, Alberto (Org.). *Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul*.

FURG, 06 a 08 de maio de 2009.



Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. Disponível em:

<<http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/index.htm>> Acesso em 13 de janeiro de 2006.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JONES, Karen. Campeã Mundial, 2005c. *Skate para Meninas*. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 15 set 2007

LEINE, Evelyn. Três gerações do *skate* feminino. *Revista 100%Skate*, Edição especial aniversário de 10 anos, agosto de 2006.

MURARO, Cauê. Dando Idéias. *100%Skate*. São Paulo, ano 10, vol. 81, p. 97-101, jul 2005,

ROSE, Gilian. *Visual methodologies-na introduction to the interpretation of visual materials*. London: Publications. 2001.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Editora Manole, 2001.